

## **A lanterna e o farol: Bangu e o clássico da sobrevivência**

Júlio César de Lima Bizarria<sup>1</sup>

Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos<sup>2</sup>

**Resumo:** O perfil demográfico e urbanístico da porção meridional da cidade do Rio de Janeiro sofreu o impacto, ao longo do século XX, de uma série de transformações consequentes das políticas públicas que perfizeram sua vocação turística. Boa parte da população que se deslocava para região de Bangu na segunda metade do século XX provinha das várias remoções operadas pelo governo do então Estado da Guanabara nas várias favelas que se interpunham entre a urbe e sua vocação como vitrine metonímica do Brasil. Descrito pela literatura como um movimento acentuadamente disjuntivo, o assentamento das famílias faveladas em Bangu sugere, pouco mais de meio século após a administração de Carlos Lacerda, a existência de instituições conjuntivas, que permitiram a elaboração de uma identidade banguense e de formas específicas de sociabilidade, num desafio a uma suposta irreconciliabilidade entre esporte e militância.

43

---

**Palavras-chave:** Favela. Futebol. Identidade. Bangu. Território.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio.

**Abstract:** The urban and demographic profile of the Southern portion of the city of Rio de Janeiro has suffered the impact, throughout the 20th Century, of a number of transformations owing to the public policies that have imparted its present touristic vocation. Much of the population which migrated to the region of Bangu in the second half of the 20th Century originated from the eradications operated by the government of the former State of Guanabara in the many favelas that stood between the city and its vocation as a metonymic display of Brazil. Described by the literature as a distinctively disjunctive movement, the settling of such families in the borough of Bangu, some fifty years after the Carlos Lacerda Administration, suggests the existence of conjunctive institutions which have allowed for the constitution of a banguense identity and specific forms of sociability, a challenge to an alleged irreconcilability between sport and militancy.

**Keywords:** Favela. Football. Identity. Bangu. Territory.

## I Lanterna: do rebaixamento social à esperança

É com pouco apreço que as ciências sociais observam o fenômeno esportivo. Particularmente, o futebol de associação — há muito, o esporte mais popular do planeta — sofre a pecha de ser a epítome da alienação das massas, numa crítica que, desde a Escola de Frankfurt, estende-se até a mais recente intelectualidade, orgânica ou biônica, burguesa ou bolchevique, marginal ou beletrista, que se aventura a ler um mundo novo com categorias de outrora. O Bangu Atlético Clube, sediado no bairro homônimo da cidade do Rio de Janeiro, padece, ainda, da contravenção pestífera, que por muito tempo o sustentara, mas, igualmente, o deixava dependente de um patronato autocrático e pouco atento aos movimentos globais que, invariavelmente, ressoavam nos gramados<sup>1</sup>.

Teoriza-se amiúde sobre os efeitos supostamente nocivos das formas de sociabilidade popular sobre a cultura política das massas, em que se inclui a *paixão* — termo sintomático da irracionalidade e animalidade que lhe são imputadas — pelo futebol. Numa crítica contumaz a uma suposta passividade e alienação das pessoas para o proveito do tempo livre, manifestação corolária da própria evolução do modo de produção capitalista, Theodor Adorno vocifera:

Sob as condições vigentes, seria inoportuno e insensato esperar ou exigir das pessoas que realizem algo produtivo em seu tempo livre, uma vez que se destruiu nelas justamente a produtividade, a capacidade criativa [...]. O que produzem tem algo de supérfluo (ADORNO, 2011, p.111).

<sup>1</sup> Giulianotti estrutura as perspectivas sociológicas do futebol de acordo com periodizações de “tipos ideais”. Esses estágios seriam: “tradicional”, “moderno” e “pós-moderno”. No que se refere ao período tradicional, seria aquele em que os vestígios pré-industriais e pré-capitalistas ainda têm influência: a autoridade da aristocracia é mantida mais por convenções hierárquicas do que por modelos democráticos; as classes dominantes monopolizam a prática do esporte, impedindo de todas as formas que este fosse maculado pela plebe. O período moderno está associado a um intenso processo de urbanização, como ao crescimento demográfico e político da classe operária: é quando o futebol se populariza por todo o mundo e se torna um evento de massa, com a expansão das cidades e da classe trabalhadora em seu interior. O Bangu, clube inicialmente formado por operários visando a divulgar o jogo entre os nativos da região, é fruto desse futebol que ainda funcionava entre medidas claras de raça, classe, religião etc. A idade contemporânea, conhecida por pós-modernidade ou modernidade tardia, depara-se com a fluidez e fragmentação das identidades sociais e culturais, e com o crescimento econômico vertiginoso alcançado pelos investimentos no futebol. A midiática transformação transforma o jogo em um espetáculo televisivo, correspondente a uma implacável aceleração no processo de elitização dos estádios nos grandes centros. Pensa-se mais em termos de retorno financeiro, sobretudo do lado dos patrocinadores: torcer não significa mais apenas comparecer ao estádio, mas *consumir* todos os produtos que envolvem o clube. Na contramão, há o surgimento de movimentos tribais urbanos, incluindo os de torcedores, que lutam e reivindicam em nome daqueles clubes ainda infensos aos sinais dos tempos.

Richard Giulianotti, estudioso do futebol, busca, por outro lado, justificar seu objeto, aduzindo, sobre o pensamento que desabonava o desporto, que a

tese do pão e circo é enraizada em um desdém intelectualista por esportes, simplesmente ocultando um desdém subjacente pelas “massas”. A Escola de Frankfurt tem exemplos notáveis, uma vez que fazem uma crítica que desdenha a “cultura de massa” do período pós-guerra, por impressionar o povo consumista com a trivialidade de jogar e assistir a jogos. (GIULIANOTTI, 2010, p.33).

Semelhantemente, em uma reflexão sobre como essa “febre de Frankfurt” devasta ao meio-dia tropical, Janice Perlman, em seu clássico *Mitos da marginalidade*<sup>2</sup>, num libelo contra o narcisismo teórico das elites, indica que:

como a madrastra da Branca de Neve, as camadas superiores da sociedade brasileira contemplam-se no espelho da teoria social, que lhe confirma a perfeição e a beleza, e assegura que a população marginal é culpada porque nada faz para superar sua marginalidade. De fato, o espelho da teoria social é capaz até de insinuar que os marginais vivem na imundície e na miséria porque o preferem. (PERLMAN, 1977, p. 291).

Hoje magra de títulos e talentos, a equipe de futebol do clube da Fábrica de Tecidos Bangu serve a outros propósitos, mobiliza outras paixões. Torcer pelo Bangu, hoje, não se restringe ao campo esportivo, mas espelha as aspirações de uma população empenhada em políticas locais que, articulando os grandes movimentos do espaço global à atividade comezinha do dia a dia, faz política consoante à observação de Zygmunt Bauman: “tudo recai sobre a população local, sobre a cidade, sobre o bairro” (BAUMAN, 2009, p. 79).

Antes das glórias e dos vexames, do gramado e da contravenção, porém, a porção ocidental da antiga Corte Imperial tinha uma qualidade rural indistinta do restante da paisagem. A urbanização veio com a República, em vagas tímidas de gente expulsa de um centro histórico reconstruído pela imaginação de Barata Ribeiro, Pereira Passos e de outros prefeitos engenheiros. A inauguração da Companhia Progresso Industrial do Brasil — popularmente conhecida como Fábrica de Tecidos Bangu — em 1889 fizera do bairro um enclave urbano. Ao longo dos dois períodos em que Getúlio Vargas ocupou o Executivo Federal,

<sup>2</sup> Não procedendo comparar massas e marginais, convém destacar que, entre as “massas” de Adorno e os “marginais” de Perlman, insinua-se a figura do sujeito minoritário, vergado ao peso de uma maioria estabelecida discursivamente, mas que não se permite estabelecer por critérios de prevalência. (cf. DELEUZE; GUATTARI, 1995, v. 2, p. 52).

o bairro da capital passa de mero enclave a polo urbano industrial, o que se verifica, inclusive, pela edificação do Estádio Proletário Guilherme da Silveira, afetuosamente, Moça Bonita, em 1947.

Já na segunda metade do século XX, especialmente a partir do desenvolvimento do processo de globalização e com a expansão dos fluxos econômicos, comunicacionais e migratórios, as metrópoles espalhadas pelo globo passaram por mudanças mais aceleradas e radicais. Na cidade do Rio de Janeiro, a modernização de bairros inteiros, com o surgimento de novas áreas que ganham vida com a especulação imobiliária, causa um impacto na paisagem arquitetural e identitária da cidade. Pessoas foram deslocadas de suas moradias estáveis, o termo periferia entrou no vocabulário dos seus habitantes e passou a ser visto como um local de depósito daqueles que são retirados de locais então valorizados<sup>3</sup>. As remoções de favelas da Zona Sul carioca – levadas às últimas consequências pela administração de Carlos Lacerda e pelas que, sob o impacto da Insurreição de 1964, seguiram – são marco importante no estudo desses fluxos migratórios. As favelas do Morro do Pasmado, em Botafogo, da Praia do Pinto, no Leblon, da Catacumba e da Ilha das Dragas, na Lagoa, do Esqueleto, no bairro do Maracanã, hoje campus central da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, expulsam populações para conjuntos habitacionais e casas de triagem estabelecidos na Zona Oeste.

O caso do Morro do Pasmado precede a maior parte dessas remoções, seja no tempo, nas relações que o acontecimento estabelece entre Bangu e Botafogo, ou, ainda, na série de singularidades que merecem sua frequente menção na literatura acadêmica e na imprensa do período como caso paradigmático. Na última categoria, poucos jornais se referiram ao episódio da remoção do Pasmado nos termos em que o faz o *Correio da manhã*, mormente em “A fogueira

---

<sup>3</sup> No caso do Rio de Janeiro, o termo pode gerar certo desconforto, pois, em boa parte por sua conformação geográfica, é difícil entender que haja zonas periféricas — aquelas colocadas à margem por um cinturão, excluídas da vida social e política do centro e dos bairros mais ricos — como ocorre em Los Angeles e Johannesburgo, por exemplo. O período correspondente, grosso modo, ao primeiro terço do século XX observa a sedimentação e significação de termos como favela, periferia e subúrbio no uso fluminense (cf. VALLADARES, 2007). Para um sucinto histórico do surgimento das favelas no Rio de Janeiro é pertinente referir-se à obra organizada pelos professores Alba Zaluar e Marcos Alvito (2006). A Escola de Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, legatária do magistério e da obra do professor Carlos Nelson Ferreira dos Santos, também tem trabalhos nesse sentido, dos quais convém destacar Favelas cariocas, de Maria Lais Pereira da Silva (2005).

de Botafogo”, matéria de capa do segundo caderno da edição de 29 de janeiro de 1964:

Do morro só restam cinzas e a escada íngreme, desconjuntada, apontando para o alto. Não podia ser diferente. Que em Bangu e redondezas surjam aglomerados decentes. Que venham abaixo, em cinzas, todas as favelas. [...] uma fogueira [...] iluminou a noite de Botafogo. (CORREIO DA MANHÃ, 29/01/1964).

O professor Carlos Nelson Ferreira dos Santos, sobre a qualidade sacrificial do ocorrido, acrescentava que

pouco antes da tentativa de remover Brás de Pina, os cariocas haviam assistido ao espetáculo de uma favela em chamas durante uma noite inteira. Era a do Pasmado, a primeira a ser removida e cujos barracos foram em seguida incendiados como símbolo de uma nova era que se pretendia inaugurar. Era prometida a extinção de todas as favelas do Rio, oferecendo-se aos seus moradores casas seguras, “modernas” e... muito distantes dos lugares onde moravam antes, que, presumivelmente, seriam, quando desocupados, purificados pelo fogo. (SANTOS, 1981, p. 32.)

Além do ato sacrificial, possível licença poética do professor, a própria administração do Estado da Guanabara, na voz da então titular da Secretaria de Serviços Sociais, Sandra Cavalcanti, referia-se ao incêndio como uma *operação de saneamento*, orquestrada pelo próprio corpo de bombeiros<sup>4</sup>. Bombeiros incendiários, *Fahrenheit* Botafogo.

A favela botafoguense, removida em começos de 1964, possuía um campo de futebol bem na calva do morro, onde atuava Jair Ventura Filho, o Jairzinho, que nasceu e cresceu na subida da Rua General Severiano, naqueles trechos que vacilam na pertença à favela ou ao asfalto, ainda defensor do modesto

<sup>4</sup> cf. *Tribuna da imprensa*, 25-26/1/1964. Após o episódio, outros incêndios, como o da Praia do Pinto, no Leblon, não teriam sua autoria divulgada, nem suas causas esclarecidas. Além de Ferreira dos Santos, a professora Licia do Prado Valladares, em depoimento ao Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas — CPDOC/FGV, afirma-se também testemunha ocular e cotidiana da remoção da Favela do Pasmado, observando inclusive que o episódio foi importante fato a motivá-la na persecução do objetivo de se tornar estudiosa das favelas. Em seu *Passa-se uma casa* (1978), indica que as favelas do Morro do Pasmado e da Ilha das Dragas (removida em 1969) foram as únicas cujos moradores ofereceram resistência frontal às operações de remoção (p.16), em ambos os casos, com decisivo envolvimento da Federação das Associações de Moradores de Favelas do Estado da Guanabara — FAFEG (p. 29-30). O professor Marcelo Baumann Burgos (in ZALUAR e ALVITO, *Op. cit.*, p. 34) menciona o “caso traumático da Favela do Pasmado”, pela violência com que se processou e, também, por tratar-se da primeira grande derrota da FAFEG, que, inobstante, soergueria no recém-instalado regime militar para promover seu I Congresso dos Favelados da Guanabara, ao longo de todo o mês de outubro de 1964. Os trabalhos dos professores Anthony e Elizabeth Leeds (1978), Janice Perlman (*Op. cit.*, p.246) e Maria Lais Pereira da Silva (*Op. cit.*, p.145-146) encerram observações similares.

Estrela, antes de brilhar na Seleção Brasileira entre os convocados do Botafogo de Futebol e Regatas<sup>5</sup>. Do campo, pela face meridional do morro, a vista era para o centro de treinamentos do BFR, de um lado; do outro lado, a imponente figura do cartão postal do Pão de Açúcar. Se esta última explica algumas das razões para a remoção e cogitada instalação de um hotel Hilton<sup>6</sup> no morro — aqui a vocação turística do pórtico da Avenida Atlântica, minutos adiante —; o primeiro demonstra a vinculação afetiva e relacional da população daquela favela com o clube de General Severiano, extensão desportiva de laços mais amplos na vida civil e econômica do bairro.

A população da favela do Pasmado, como as que passaram por semelhante processo, experimentaram, nas palavras de Perlman, a “erradicação de um estilo de vida”, vergadas a uma diáspora civil oportunamente conectada e disposta pela malha rodoferroviária e seu plexo de “não lugares”, modalidade de espaço que, segundo Marc Augé “não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude” (AUGÉ, 2012, p.95), o que testifica o caráter profundamente disjuntivo das remoções.

Fazendo eco à dinâmica da territorialidade conforme delineada na obra coletiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a lógica territorial da população realocada na região de Bangu, como a de outras remoções, é operada pela mediação de um conjunto de instituições que desempenham um papel disjuntivo, conforme se trate de desterritorialização daquelas populações, ou conjuntivo, caso dos movimentos de (re)territorialização<sup>7</sup>. Entre as primeiras, perfilam-se a Secretaria de Serviços Sociais do Estado da Guanabara, a imprensa pró-

<sup>5</sup> Sobre a remoção, Jairzinho, em compromissos pelo clube alvinegro no estrangeiro, afirmava: “Quando cheguei já não tinha mais favela. Foi um choque para mim. Sei que teve muita choroadeira, a maioria não gostou. Depois eu nunca mais vi o pessoal da pelada”. (cf. MONTEIRO, 2003; PLACAR, 1981).

<sup>6</sup> A ideia, que recebeu ampla divulgação à época da remoção, foi, segundo Sandra Cavalcanti, resistida por ela e por Lacerda, que propuseram, afirma, a arborização e instalação de um parque público no Morro do Pasmado. (cf. FREIRE; OLIVEIRA, 2002, p. 83). Informação difícil de confirmar, mas é certo que em 1965, o último ano do governo de Lacerda, a calva do morro ainda apresentava sinais do incêndio do ano anterior. O mirante, ainda, somente foi inaugurado no fim da prefeitura do engenheiro Marcos Tamoyo, em 1979.

<sup>7</sup> Desenvolvida sobretudo em *O anti-Édipo e Mil platôs*, as implicações sociológicas da lógica da territorialidade são elevadas à máxima clareza operacional pelo professor Manuel De Landa, quando acrescenta que “[...] processos de desterritorialização são (processos) que definem ou acentuam os limites de territórios (físicos). Territorialização, por outro lado, também diz respeito a processos não espaciais que aumentam a homogeneidade interna de um agenciamento. [...] Qualquer processo que desestabilize limites espaciais ou aumente a heterogeneidade interna (do agenciamento) é considerado de desterritorialização.” (2006, p. 13. tradução nossa).

Lacerda, a Companhia Habitacional do Estado da Guanabara (COHAB/GB), a Companhia de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio (CHISAM). Há outras, ainda, que cambiam seus papéis ao longo dos anos 1960, como a Companhia de Desenvolvimento de Comunidades (CODESCO) e grupos organizados no seio da Igreja Católica, divididos entre a Fundação Leão XIII, logo apropriada pelo discurso oficial e incluída na componente disjuntiva, e a Cruzada São Sebastião, capitaneada por Dom Hélder Câmara e relativamente refratária a esse mesmo discurso. Discute-se ainda em que medida a CODESCO não teria servido a dois senhores, sobretudo quando contratou a Quadra, escritório de jovens arquitetos, militantes da esquerda estudantil da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, e que promoveu a urbanização da favela de Brás de Pina sem remover a população local para os conjuntos habitacionais na Zona Oeste. (cf. PUGLIESI, 2002). O papel mais propriamente conjuntivo foi desempenhado por instituições como o Partido Comunista, já clandestino, e a Federação das Associações de Moradores de Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG).

Considerado em termos de disjunção e conjunção, o papel desempenhado pelo futebol de associação, prontamente denunciado pela Escola de Frankfurt como supostamente alienante, pode encontrar no clube da Fábrica elementos empíricos que recomendem a ousadia de uma revisão.

## 2 Farol: o contra-ataque no jogo pela sobrevivência

“Não é só pelo time, gritamos pelo bairro.” Com essas palavras, um torcedor do Bangu Atlético Clube respondia a um jornalista de *O Globo*. A matéria, de 15 de abril de 2012, descrevia o modo como os jovens banguenses tentam manter a identidade cultural do bairro por meio do Clube<sup>8</sup>. Fundado em 1904 por operários britânicos que vieram trabalhar na Fábrica de Tecidos Bangu<sup>9</sup> e desejavam popularizar o esporte na região, o clube traz na sua gênese essa

<sup>8</sup> Alegoria do gigante mostra sua nova face. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 abr. 2012. Caderno de esportes, p.4.

<sup>9</sup> A Fábrica, que funcionou até 2005, foi transformada em *shopping center* e reaberta em 2008 com essa nova função.

característica, muito habitual em locais como Reino Unido e Argentina, e é coerente com a afirmação de Giulianotti de que “os clubes de futebol de áreas de classe operária forte são muito ligados à ‘estrutura de sentimento local’”. (GIULIANOTTI, 2010, p. 55)<sup>10</sup>.

Essa relação foi estabelecida nos primórdios do esporte, em especial na passagem do século XIX para o XX. Nesse cenário de surto urbano-industrial, muitos clubes surgiram ligados às fábricas locais, com seus estádios construídos no mesmo local do labor, colocando as duas esferas em posição de inflitirem dinamicamente uma sobre a outra<sup>11</sup>. No caso do Bangu, seu estádio se localizava, inicialmente, ladeado à Fábrica, na rua Ferrer. Essa foi sua casa até o ano de 1947, quando da citada edificação do estádio de Moça Bonita. Esse estádio, considerado em suas relações com o conjunto urbanístico a que pertence, é material, por sua construção arquitetônica; é funcional, pela rotineira realização de partidas; e simbólico, por ser espaço de resistência de uma identidade cultural. O Bangu Atlético Clube, ainda, possui um número de diferentes sedes, todas concentradas na região, utilizadas para sediar eventos da vida associativa do bairro, como a sede náutica da rua Francisco Real e o Casino Bangu, na avenida Cônego Vasconcelos, o centro do bairro.

As últimas décadas foram marcadas por transformações radicais dos estádios pelo mundo, configurando-os de forma padronizada e semelhante a outros espaços da vida social, como teatros, *shopping centers*, aeroportos,

<sup>10</sup> O caso do Bangu Atlético Clube é, igualmente, uma singularidade com relação a outros clubes da capital fluminense: o Clube de Regatas Flamengo, o Botafogo de Futebol e Regatas, o Clube de Regatas Vasco da Gama e o Fluminense *Football Club* não mantêm qualquer relação significativa com os bairros em que estão instalados; nenhum de seus torcedores ousaria elencá-los entre os símbolos de seu clube, como ocorre reiteradamente no futebol da grande Buenos Aires. Os epítetos popularizados pela imprensa, clube da Gávea, clube de General Severiano, clube das Laranjeiras e Gigante da Colina são prováveis resquícios de um tempo no qual tal identificação territorial ainda tinha relevância e no qual o “jogar em casa” ainda fazia sentido para os torcedores. Seria o caso de propor, para pesquisas ulteriores, em que medida os grandes estádios neutros não seriam nocivos à identificação local e à proximidade entre clube e torcedor.

<sup>11</sup> Pode-se supor razoavelmente que o campo de terra batida junto ao terreno da fábrica foi estabelecido no bojo dos conflitos entre tempo produtivo e tempo ocioso: o agenciamento fábrica-campo desterritorializa a primeira como mero local de produção, e o último como simples local de lazer. Entende-se que a politização do futebol nos clubes de base operária seja uma propriedade emergente dessa composição. Ainda, a condição do morador da favela da Zona Sul, realocado nos pequenos bairros de Vila Aliança e Vila Kennedy, apresenta-se como plexo de humilhações rituais, coletadas por um jornal de oposição da época: o *Diário carioca* descreveu ocasionalmente as casas inconclusas, as ruas sem calçamento, o comércio que nunca funcionara, as chaves, que eram idênticas para todas as unidades habitacionais etc.

supermercados. Sob o argumento da violência dos torcedores e da falta de conforto, os estádios passaram, como na descrição de Michel Foucault (2004) sobre o controle dos corpos e do tempo, por um processo rigoroso de ampliação das tecnologias de segurança, com um monitoramento capaz de reconhecer cada torcedor e seu gesto intra e extramuros, além de um vertiginoso aumento nos preços cobrados pelos ingressos<sup>12</sup>. Como resultado desses mecanismos, as formas de torcer de outrora foram podadas por uma rígida segurança e um processo de elitização e individualização do público-alvo, reduzindo a interação fervorosa e coletiva entre os torcedores. No entanto, Giulianotti acredita que essa transformação dos estádios não será disseminada por todo o mundo. Em *Moça Bonita*, como em muitos estádios distribuídos pelo globo, torcer é ainda uma atividade de forte apelo coletivo, popular e identitário, despertando na comunidade um interesse particular e muitas vezes sendo o estádio associado à sua própria residência, num sintoma de renovada topofilia<sup>13</sup>.

Esse cenário banguense exibido na matéria não foge a um panorama do global no século XXI. Especialmente a partir dos anos 1970, entende-se que o processo de globalização afrouxou as fronteiras do nacional, dando voz a questionamentos acerca das identificações com uma cultura nacional. Persistindo, ainda, as identidades nacionais, as atenções se voltam, no entanto, mais ao local do que ao global, incorporado por grupos que lutam pela sobrevivência. Usar a identidade é uma forma de defesa dos interesses, caminho seguido por muitas populações locais que emergiram no lugar e no espaço do Estado. Segundo Zygmunt Bauman, as cidades contemporâneas são “os campos de batalha nos quais os poderes globais e os sentidos e identidades tenazmente

---

<sup>12</sup> O acesso dos torcedores menos abastados aos principais estádios europeus clarifica essa situação. O estádio do Manchester United, Old Trafford, mas também conhecido como Teatro dos Sonhos, é a metáfora da glamourização alcançada pelos estádios modernos nos últimos anos. O acesso às principais partidas do clube só pode ser feito por meio da compra de carnês para toda a temporada ou mediante compra de pacotes turísticos que contenham ingressos para os jogos mais importantes. Àqueles que torcem pelo clube, mas não têm meios para adquirir ingressos, resta a opção de assistir às partidas menos importantes do clube em campeonatos periféricos.

<sup>13</sup> O exemplo quadra perfeitamente à análise de Giulianotti, para quem “o campo enquanto local evoca memórias e estimula expectativas. Suas características idiossincráticas são particularmente idealizadas: a inclinação do terreno, as carvoarias vizinhas, a cor dos tijolos, a loucura arquitetônica de uma arquibancada. Cada uma significa o status especial do campo relativo a outros estágios. Consequentemente, considera-se que os campos de futebol têm seu próprio caráter sociogeográfico, representativo da comunidade dos torcedores” (Op. cit., 2010, p. 97).

locais se encontram, se confrontam e lutam” (2009. p. 35), observando-se que a multiplicação dos embates corresponde aos espaços discursivos deixados pelo retraimento do Estado nacional.

Stuart Hall entende que uma das consequências da globalização sobre as identidades culturais é a de que “as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização” (2011, p. 69). No contexto de tais identidades, como, no caso específico do futebol, o surgimento de grupos neotribais é demonstração de como os projetos unificadores em torno das grandes unidades molares já não mais conseguem efetividade.

Nessa tarefa de resistência por uma identidade banguense, de acordo com a matéria, os jovens torcedores recebem ajuda dos pais e dos avós para apoiar o time e o bairro. O pensamento de Norbert Elias vai ao encontro dessa situação:

Tem-se a impressão de que a solidez, a resistência e o arraigamento do *habitus* social numa unidade de sobrevivência aumentam à medida que se alonga e encomprida a cadeia de gerações em que certo *habitus* social se transmite de pai para filho. (ELIAS, 1990. p.173)

53

Assim, as realizações das gerações passadas continuarão no presente. É nesse espaço que o social sempre se recria, ganha novas significações. Sem essa imagem de uma coletividade que atua no seio de uma instituição, buscando permanentemente atualizar suas memórias, compartilhar experiências e reafirmar sua identidade, só restaria a extinção do grupo vivo e o esvaziamento ontológico da instituição. Elias, ainda, afirma que a imagem-do-nós não tem uma função individual, mas uma importante função social: ela dá ao indivíduo um passado que se estende muito além de seu passado pessoal e permite que alguma coisa das pessoas de outrora continue a viver no presente (ELIAS, 1990, p. 182).

Para que não haja morte coletiva, é preciso compreender que a coabitação do global com o local é um traço inexorável dos nossos dias. A compressão espaço-temporal encontra ressonância impactante no futebol. Hoje, os clubes locais não encontram concorrência apenas nos seus vizinhos: a midiatização e mercantilização do futebol divulgam e distribuem informações e produtos dos clubes mais ricos, vitoriosos e famosos por todos os cantos do globo. Podemos imaginar que, para um habitante da cidade do Rio de Janeiro, seja mais fácil

encontrar informações, assistir aos jogos e consumir produtos de Barcelona, Milan, Chelsea, Bayern de Munique, Boca Juniors e Corinthians do que de qualquer clube de menor porte da própria cidade, como, por exemplo, América, São Cristóvão e Bangu, clubes outrora considerados grandes no cenário carioca. Clubes pequenos que preservam sua base local, ainda, têm um número indefinido, conquanto expressivo, de torcedores: uma malta desorganizada que, fora do espaço de Moça Bonita, veste as camisas dos vários grandes clubes do país e do mundo.

Mesmo sabedor de que o seu clube, no cenário atual, dificilmente alcançará o patamar dos supracitados, o torcedor pode vislumbrar que esta instituição centenária tenha, para o seu bairro, a mesma centralidade simbólica e identitária que o F.C. Barcelona<sup>14</sup> tem para a região da Catalunha e seus nativos. E é nos estádios onde as vozes participantes desses grupos tendem a se fazer estridentes: o mais importante é encontrar meios em que o global não torne o local inviável e atrofiado.

### 3 Guerrilha e liderança

Entre a torcida do Bangu Atlético Clube e a FAFEG, divisam-se duas formas de ação política, e se à última coubesse sempre a astúcia quase inconsciente da

---

<sup>14</sup> Clube até hoje reconhecido como umas das colunas do orgulho catalão. Durante as ditaduras dos generais Miguel Primo de Rivera, nos anos 1920, e Francisco Franco, a partir dos anos 1930, a Catalunha sofreu inúmeras retaliações, dentre as quais a proibição de bandeiras e o uso da língua catalã na esfera pública. Com isso, o estádio do Barcelona, *Camp Nou*, assumiu o papel de um dos espaços de resistência às décadas de regimes totalitários vivenciados pela Espanha. “Seus torcedores gostam de se gabar de que seu estádio constituía um espaço em que podiam dar vazão ao ódio que sentiam pelo regime. Estimulados por 100 mil pessoas cantando em uníssono, com a segurança de sua presença numérica, os torcedores aproveitavam a oportunidade para gritarem coisas que não podiam ser ditas, mesmo que furtivamente, na rua ou num café”. (FOER, 2005, p.178). Outro exemplo importante do papel cidadão e reivindicativo observável no futebol foi demonstrado de forma contundente pelos torcedores do clube argentino San Lorenzo de Almagro. O clube do bairro Boedo teve seu estádio, conhecido como *Gasómetro*, desapropriado pelo governo militar argentino em 1979. O argumento dos militares era o de que ali seriam construídas casas populares e vias de acesso. No entanto, o terreno foi entregue à iniciativa privada, dando lugar ao supermercado *Carrefour*. Hoje, há um movimento de torcedores pela reapropriação local do antigo estádio. O movimento alcançou tal representatividade que, no dia 08 de março de 2012, de acordo com o jornal esportivo *Olé!*, 100 mil pessoas se concentraram na Praça de Maio, famoso espaço de protesto da capital argentina. No dia 15 de novembro, por unanimidade, o Legislativo portenho aprovou a chamada Lei de Restituição Histórica, que determina que o terreno ocupado pelo *Carrefour* retorne (onerosamente) ao patrimônio do Clube.

primeira, a diretoria mais combativa e fundadora da Federação poderia sobreviver à Ilha das Dragas, e a Favela do Pasmado, talvez, pudesse sobreviver a Lacerda. Ocorre que a FAFEG, abrigada no espírito sindicalista e na eventual aliança com a CODESCO e a ação católica, esposou a reivindicação como combate; e na peleja contra um adversário mais forte, reforçado, meses depois de sua fundação, pelo ímpeto federal, perdeu miseravelmente. A torcida do Bangu Atlético Clube, porém, com o aprendizado da contravenção, desenvolveu o que Gilles Deleuze denominava “guerra de guerrilha”, a contestação velada e sem combates, própria de forças que não são, em si, potências (1992). Os torcedores indetermináveis do pequeno clube, como mongóis, maçons e ciganos, perfazem um nomadismo discursivo, que aparece furtivo no gramado de Moça Bonita, como as pipas, às dúzias, a cada jogo.

Contrariando o diagnóstico da Escola de Frankfurt – como o prognóstico de que a globalização e a mundialização homogeneizariam e padronizariam os pensamentos, hábitos e saberes –, as diferenças persistem. Como se viu até aqui, a globalização, ao contrário, produz uma espécie de retorno ao local, um sentido de pertencimento e a valorização de identidades. Contudo, essas identidades não devem ser fechadas em si mesmas, como se estivessem cristalizadas no interior de uma redoma. A traiçoeira imagem de um global avassalador das identidades locais desperta o medo em vários grupos que, supondo-se inferiores, buscam como saída emergencial o enclausuramento em barreiras que mais se assemelham às trincheiras de uma guerra, mais do que aos acampamentos da guerrilha. Segundo Hall, há, juntamente com o impacto “do global”, um novo interesse pelo “local”:

A globalização [...], na verdade, explora a diferenciação local. Assim, em vez de pensar no global como substituindo o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local” (HALL, 2011, p. 77).

O caso do Bangu é idiossincrático. Um clube da Zona Oeste do Rio de Janeiro fundado por operários britânicos que, por esse motivo, tem em suas veias, desde sua fundação, o entrelaçamento do global e o local. O futebol, nas sociedades contemporâneas, cumpre muitos papéis. Um desses, como se procurou mostrar, é de como um clube, mesmo à beira da falência e extinção, permanece capaz de albergar uma sólida solidariedade local, promovendo, assim, uma identidade compartilhada. A força dessa identidade foi demonstrada

por como ela conseguiu absorver e redimir os contingentes populacionais que o bairro recebeu na segunda metade do século XX. O preço dessa redenção, porém, foi o esquecimento e a dificuldade em se traçar, na malta, o destino dos habitantes do Pasmado<sup>15</sup>; preço do esquecimento como recomeço, nas palavras de Marc Augé,

[...] uma inauguração radical, com o re já implicando que uma mesma vida contém vários começos. [...] Sua ambição é reencontrar o futuro pelo esquecimento do passado, criar as condições de um novo nascimento que, por definição, abre-se a todos os devires possíveis sem privilegiar a nenhum. (AUGÉ, 2001, p. 78. tradução nossa).

Thomas Donohoe<sup>16</sup>, um dos fundadores do Bangu Atlético Clube, dificilmente poderia supor que seu time pudesse ter tanta expressão fora dos estádios, a ponto de sobrepujar seus méritos desportivos. Do campo de futebol na calva do Pasmado, outrora lazer de Jairzinho e correlato popular do Botafogo de Futebol e Regatas, hoje lúgubre parque público, dificilmente se poderia supor que seria transferido, com outro nome, um corolário do esquecimento como recomeço, para outro bairro, e enfrentaria outra decisão. Se a redenção do Clube se torna cada vez mais difícil pelos atributos esportivos, que seja pela memória de seus torcedores.

#### 4 Referências

A fogueira de Botafogo. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1964. Segundo Caderno, p. 1.

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

<sup>15</sup> Licia do Prado Valladares (1978) encontrou essa dificuldade quando acompanhou o destino de cerca de 1500 famílias realocadas na Cidade de Deus. O fato de que apenas uma família proveniente do Pasmado tenha sido encontrada na região sugere que a maior parte se instalou, de fato, em Vila Kennedy e Vila Aliança, fundadas cerca de três anos antes.

<sup>16</sup> Escocês que chegou a Bangu para ajudar a implantar técnicas fabris na recém-inaugurada fábrica e, por já ser um amante do futebol em pleno desenvolvimento no Reino Unido, contribuiu para sua disseminação na região. De acordo com a matéria, Clécio Régis, torcedor e estudioso do clube, acredita que foi Seu Danau, forma carinhosa e aportuguesada pela qual era chamado, foi a primeira pessoa a fazer uma bola de futebol rolar no Brasil.

Alegoria do gigante mostra sua nova face. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 abr. 2012. Caderno de esportes, p.4.

AUGÉ, Marc. *Les formes de l'oubli*. Paris: Payot & Rivages, 2001.

\_\_\_\_\_. *Por una antropología de la movilidad*. Barcelona: Gedisa, 2007.

\_\_\_\_\_. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Bombeiros saneiam Pasmado com fogo. *Tribuna da imprensa*, Rio de Janeiro, 25/26 jan. 1964. p. 4

DE LANDA, Manuel. *Deleuze: history and science*. New York: Atropos, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Capitalismo e Esquizofrenia I: o anti-Édipo*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo e esquizofrenia II: mil platôs*. Tradução de Peter Pál Pelbart, Suely Rolnik, Janice Caiafa et al. São Paulo: Editora 34, 1995-1997. 5 v.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Favelados do Pasmado abandonam Vila Kennedy. *Diário carioca*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1964. p. 1

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 29. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, A.; OLIVEIRA, L. L. (Org.). *Capítulos da memória do urbanismo carioca: depoimentos ao centro de pesquisa e documentação em história contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002. p. 52-77; 78-104.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 11. ed.

La Legislatura porteña aprobó la vuelta de San Lorenzo a Boedo. *La nación*. Buenos Aires, 15 nov. 2012. Disponível em: <<http://canchallena.lanacion.com.ar/1526899-la-legislatura-portena-aprobo-la-vuelta-de-san-lorenzo-a-boedo>>. Acesso em 20/11/2012.

58

LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Tradução de Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

Lo salva la gente. *Olé!*, Buenos Aires, 08 mar. 2012. Disponível em: <[http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/Hace-fuerza\\_0\\_659934341.html](http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/Hace-fuerza_0_659934341.html)>. Acesso em 23/07/2012.

MONTEIRO, Marcelo. Furacão no Pasmado. *Favela tem memória*. s.l.: s.d. Disponível em: <http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=16&sid=4&inford=1>>. Acesso em 03/11/2012.

O craque que derrotou o tempo. *Placar*. São Paulo: Abril. n. 600, 13 nov. 1981. p.68.

PERLMAN, Janice E. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PUGLIESI, Stella Christina de Toledo Santos (2002). *Urbanização de favelas: de alternativa a política consolidada*. São Carlos, 2002, 135p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *Movimentos urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

SILVA, Maria L. P. da. *Favelas cariocas, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VALLADARES, Licia do Prado. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

59

---

\_\_\_\_\_. A Gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista brasileira de ciências sociais*. v. 13 n. 44. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2007. p. 5-34.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (Org.). *Um século de favela*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

